

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Diário do Povo

Class.: 938

Data: 14.06.89

Pg.: _____

Garimpeiros invadem terras dos índios, em Roraima

A área habitada pelos índios Ianomani, em Roraima, está invadida por 60 mil garimpeiros, uma situação que o Governo do estado afirma não ter como controlar e os indigenistas denunciavam como uma política de extermínio dos nove mil índios que vivem espalhados ao longo da fronteira com a Venezuela. A pé, ou transportados em pequenos aviões, os garimpeiros estão chegando até as áreas de garimpo, poluindo pequenos igarapés e rios, como o Uraricoera, o rio de Macunaima, na lenda dos Macuxis, onde centenas de máquinas instaladas em balsas perfuram seu leito em busca de ouro.

O governador Romero Jucá considera a invasão "um fato consumado" e defende que agora o importante é organizar a exploração do ouro nessa região. Os militares da área apóiam esta posição e alegam que a expulsão dos garimpeiros poderia criar um sério impacto social. Mas o senador Severo Gomes e os integrantes da ação pela cidadania, que esta semana visitaram a área denunciavam que está se cometendo contra os Ianomani "um verdadeiro genocídio".

Dispostos a denunciar a situação no Congresso Nacional e junto ao Ministério da Justiça, o senador e o deputado Plínio de

Arruda Sampaio (PT-SP) estão defendendo a extinção da Funai e a reformulação da política indigenista. Os parlamentares ficaram chocados com a situação na área de Paapiu, onde a maloca dos índios fica a menos de cem metros de um prostíbulo e o posto da Funai está abandonado. Os índios estão entregues à própria sorte. No posto médico, os medicamentos, quase todos vencidos estão espalhados pelo chão, junto com seringas descartáveis. O chefe, João Davi, só consegue levar os índios doentes até Boa Vista se pagar os pilotos que pousam em Paapiu.

Em Boa Vista, o chefe de o

posto, que há 50 dias abandonou Paapiu, Antonio Pedroso Junior, admite não ter condições de reassumir o posto: faltam recursos, atendentes e transporte, pois a Funai não dispõe de aviões para atender seus 23 postos no estado. A Funai, em Boa Vista, confirma as dificuldades — de janeiro até agora só foram liberados NCz\$ 50 mil para atender os grupos indígenas. Para o irmão Carlo Zachini, da comissão para a criação do Parque Ianomani — seus integrantes foram expulsos da área Ianomani pela Funai — este quadro confirma a existência de "uma política deliberada de extermínio dos índios".

Ibama recorrerá à Justiça

O Ibama (Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis) decidiu brigar na Justiça para expulsar da Floresta Nacional de Roraima os garimpeiros que invadiram a área há seis meses. Para isso, além de liminar que dá sustentação à medida, o Ibama requereu à Justiça Federal no Estado de Amazonas reforço policial para retirar os garimpeiros.

Nos 2.665.685 hectares de Floresta Nacional de Roraima, está assegurada às populações indígenas, de acordo com o Decreto 97.545 (que criou a área), uso preferencial dos recursos naturais, sendo vedado, segundo o Código Florestal Brasileiro, a extração de pedra, areia, cal ou

qualquer espécie de mineral. Na floresta, administrada pelo Ibama e Funai (Fundação Nacional do Índio), vivem os índios Ianomani.

"Só pistas de pouso já foram construídas 67", conta o presidente do Ibama, Fernando César Mesquita, para ilustrar o tamanho da invasão feita pelos garimpeiros em área de proteção ambiental. A ação na Justiça Federal foi impetrada desde o dia 26 de maio e até hoje não havia sido a liminar reivindicada pelo instituto. Além dos Ianomani, a floresta nacional de Roraima abriga as seguintes áreas indígenas: Usuaris, Surucucu, Cutaiba, Palimiuthere, Erico, Acapural, Mueajai, Jundiai e Catrimani.

Outras áreas estão ocupadas

A situação se repete em outras áreas, onde os índios se dividem sobre a presença dos garimpeiros. Em Jericó, onde vive um subgrupo Ianomani, os Xiriana, os índios fizeram um acordo com os garimpeiros: eles vão receber 200 gramas de ouro para que as máquinas possam iniciar o trabalho na área. "Tenho falado para o meu povo que o rio vai ficar cheio de óleo — afirma o índio Raimundo — mas eles acham que nós vamos morrer de qualquer jeito". Raimundo denuncia que três índios de sua aldeia estão vivendo com garimpeiros, que já estão com suas máquinas no Rio Uraricá.

Em Paapiu, o índio João Davi, o único que fala português, até pouco tempo conseguia manter algum controle sobre o que ocorria em sua terra, chegando a cobrar uma taxa de cada piloto que pousava. Agora ele

está sendo atropelado pela situação. Paapiu transformou-se num pequeno povoado com dezenas de barracos, bares e um pequeno comércio para atender os garimpeiros, que não param de chegar.

Muitos chegam de Serra Pelada e outros passaram por Cumaru, um garimpo na área dos índios Gorotire — parentes do cacique Raoni — no sul do Pará. "A notícia da 'fofoca' agora é aqui" — anuncia Manoel Jorge Bezerra. Ele fez parte do grupo de garimpeiros que invadiu a Venezuela e acabou sendo expulso pelos soldados venezuelanos. "Perdi seis máquinas chupadeiras que custam um quilo de ouro cada. Ele ainda lamenta o fim do sonho além da fronteira do Brasil. "O ouro aqui é mais ou menos, lá tinha muito mais" — garante o garimpeiro, que agora diz que vai "recomeçar do zero".